

A ESTRANHEIDADE NA OBRA *PELO FUNDO DA AGULHA* DE ANTÔNIO TORRES

THE ESTRANHEIDADE WORK IN THE BOTTOM OF THE NEEDLE ANTONIO TORRES

Mileide Terres de Oliveira*

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do personagem Totonhim da obra *Pelo fundo da agulha* de Antônio Torres que visa a busca da sua identidade, em suas idas e vindas ele se depara com estranheidades que perpassam as várias relações pessoais e interpessoais. Sob a perspectiva de Bauman e Stuart Hall analisamos como este sujeito pós-moderno se confronta com os diversos sentimentos de pertencimento.

Palavras-chave: *Estranheidade. Identidade. Pertencimento.*

Abstract: This article presents an analysis of the character of the work Totonhim *Pelo fundo da agulha* of the Antonio Torres which aims to search for their identity in their comings and goings he faces estranheidades that pervade the various personal and interpersonal relationships. From the perspective of Stuart Hall Bauman and analyze how this postmodern subject is confronted with various feelings of belonging.

Keywords: *Estranheidade. Identity. belonging.*

Introdução

A obra *Pelo fundo da agulha* de Antônio Torres traz o personagem Totonhim com suas diversas estranheidades de pertencimento, dadas pelas suas relações pessoais e interpessoais. Ao longo de sua vida são emergidas diversas identidades, para que possa se sentir pertencente a um determinado meio. Devido a estes fatores que a identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, ela esta sempre inserida num processo, a este fenômeno Bauman (2004) chama de “Identidade Líquida” e Stuart Hall (2001) de “Pós-moderna”.

Rosenfeld (1973, p. 81) afirma que a consciência do romance moderno põe em dúvida o direito de impor a própria vida psíquica, a dificuldade consiste em negar este “mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real

* Licenciada em Língua Portuguesa/Inglês e respectivas Literaturas pelo Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena (AJES) Juína-MT. Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/CAPES) Cáceres-MT. E-mail: milly-0502@hotmail.com

e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum.” Baseia-se na conformidade do ser diante das diversas imposições da sociedade.

O herói do século XXI é aquele que não se identifica com os acontecimentos e sobretudo, com as pessoas, é um ser perdido, problemática em meio ao mundo contemporâneo. Deste modo, a identidade deste herói não é fixa porque esta em constante mudança, sendo estas adaptações necessárias para que o sujeito possa se inserir em um determinado grupo ou meio social. Para Bakhtin “o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado)”. (1998, p. 400)

Para Benjamin (1994) o heroísmo moderno não tem mais lugar para os heróis antigos, somente para os homens comuns, formado por um espaço de lutas cotidianas, sendo um sobrevivente de suas próprias batalhas. O herói moderno é aquele que luta em um mundo mutante, em constantes mudanças e que para sobreviver é necessário a apropriação de sonhos alheios e mecanismos de outrem para que os seus objetivos sejam alcançados. Conforme afirma Bauman “você assume uma identidade naquele momento, mas tem muitas outras lhe esperando”. (2004, p. 91)

Este trabalho busca analisar como estas identidades são emergidas ao longo da obra e como são confrontados os sentimentos de pertencimento vividos pelo personagem principal.

1. A vida de Totonhim

A obra *Pelo fundo da agulha* de Antônio Torres relata a história de Totonhim, filho de família pobre, deixa a cidadezinha de Junco e vai tentar a sorte em São Paulo, seu irmão Nelo, que cometera suicídio, também tentou melhores condições de vida na cidade grande, mas não foi bem sucedido. A visão prévia da cidade era de acordo com as cartas do irmão e o relato do mesmo quando estava em Junco por um mês. Naquele momento o objetivo de Totonhim era honrar o fracasso de Nelo, ele não queria ficar como o irmão que rodou, rodou e voltou para o ponto de partida com uma mão na frente e uma mala vazia, o qual não aguentou as pressões, frustrações e resolveu acabar com sua própria vida.

Em São Paulo, Totonhim conhece Bira, um amigo de Manaus, estrangeiro como ele, ambos tentam se socializar com as pessoas “como entrar na cidade e integrar-se nela” (TORRES, 2006, p. 130), ele sente a necessidade de pertencimento, de sentir-se parte de uma sociedade, de um grupo. Surge a oportunidade de realizar um concurso no Banco do Brasil, Totonhim estuda e tira o terceiro lugar, sendo logo chamado para o cargo.

A conquista deste trabalho nos mostra a importância dos elos que giram em torno desta conquista: oriundo de Junco vem para São Paulo reprimido pelo suicídio de Nelo, quando chega à cidade grande seu objetivo era vencer, naquele momento ele se sente parte de uma sociedade que outrora excluía seu irmão e agora o acolhe como forma de ressarcir as frustrações vividas por Nelo.

Com o passar dos anos ele se casa e parece estar integrado, bem sucedido no trabalho, com boas relações com o sogro, apenas com algumas restrições com a sogra. Abre mão de seus sonhos, adere aos valores do local, a própria esposa questiona suas mudanças. A personagem constrói uma identidade relativa ao emprego, às relações pessoais e não percebe o quanto isso pode ocasionar a exclusão.

2. As identidades de Totonhim

Partimos do conceito de Norton, o qual a identidade é “[...] como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída através do tempo e espaço e como a pessoa vê as possibilidades para o futuro”. (2000, p. 5) A identidade vai se constituindo e pode sofrer alterações, pois segundo Bauman (2004) a identidade não é pré-estabelecida, ela é construída ao longo da vida. A identidade do sujeito, particularmente o contemporâneo, não é fixa, ela está sempre inserida num processo, a este fenômeno Bauman (2004) chama de “Identidade Líquida” e Stuart Hall (2001) de “Pós-moderna”.

Para Hall, as velhas identidades estão em declínio “fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (2001, p. 7), assim acontece a interação dele com os atores e o contexto social. Esta inovação ocasionada pela modernidade pode ser vista como “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” estranho.

(GIDDENS, 1990, p. 6). Estas transformações ocasionam mudanças tanto na sociedade, quanto nos seres que as compõem:

[...] esse fenômeno de generalização da modernidade se depara hoje com outro fenômeno, o de uma reação defensiva contra a dependência ou assimilação cultural: a busca de identidades nacionais ou étnicas, o retorno às fontes, a negritude e as ideologias dos nacionalismos emergentes. (...), que implica na importação, do Ocidente, dos meios de modernização, desde os capitais e técnicas até os modelos de crescimento econômico, e o desejo de diferença, a fim de salvaguardar as originalidades culturais. (BASTIDE, 2006, p. 201)

Segundo Moita Lopes (2002), a nossa identidade só pode ser concebida na construção discursiva mediada pela interação social. Ele critica a perspectiva essencialista que visa a homogeneizar as diferenças no indivíduo, propondo a construção da identidade em bases sócio construcionistas, que considerem as diferenças do ser, sendo algo mutável, a qual podemos constituir novos significados nas diversas práticas sociais nas quais atuamos.

Nesse pressuposto, o conceito de identidade nos remete ao que Hall denominava de “mudanças” (2001, p. 12-13), a identidade tende a ser composta de várias identidades, sobretudo as que compõem as paisagens sociais, torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente. Estamos em constante mudança, e nossa identidade está sujeita a estas transformações.

Era uma questão de sobrevivência assumir outra identidade, neste sentido, Totonhim rompe com Junco e suas origens. Mesmo estando em São Paulo ele vai a um bairro que tem seus amigos de Junco, um subúrbio, mas ele percebe que tudo é diferente, frequenta por um tempo este local e busca estes elos relacionados à sua origem, mas cansou-se ou tomou consciência de que aquilo não o levaria a nada. Então ele decide romper definitivamente com Junco, afastar-se, pois todos eram fracassados, assim como o irmão.

A identidade não pode ser considerada um processo fechado, mas aberto e imprevisível, sendo considerado seu aspecto exterior e interior do indivíduo. Conforme afirma Hall, a identidade não surge apenas em nosso interior, mas “de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”. (2001, p. 39) Somos influenciados pelo meio que vivemos, nós modificamos e somos modificados por ele e é nesta mudança que surge a necessidade de se

emergir novas identidades para que o sistema se auto-organize e mantenha seu fluxo. Nesta transformação as identidades são afetadas simultaneamente.

Depois de anos de relacionamento, ao retornar de um jantar o sogro de Totonhim entra no quarto e suicida-se. A fatalidade desestrutura a família, pois começam os desentendimentos do casal, culminando na separação. Algum tempo depois eles se reencontram e é nítido o distanciamento entre o homem e a ex-mulher: “Foi aí que a ficha caiu: ela está em outra” (TORRES, 2006, p. 60). Neste encontro todas as esperanças de reatar o relacionamento são desfeitas. Ele não sabe nada dos filhos, interroga a ex-mulher que fala com ironia:

Ainda não se tornaram traficantes de droga. Estão ralando muito, nas atividades lícitas, digamos assim. Um virou operador da Bolsa de Valores e o outro é diretor de arte da agência de publicidade que tem a conta da empresa onde trabalho. Vai me dizer que não sabe disto? E que os dois estão ganhando dinheiro? E que trocam de mulher como você de camisa? Vê se janta com eles esta noite. Procure-os também, vai! (TORRES, 2006, p. 61)

O estranhamento da relação entre pai e filhos é congruente com a situação do sujeito que se porta à margem da sociedade, até mesmo do convívio familiar. Esta identidade representa as mudanças constantes do indivíduo, uma busca por definições em construção.

Além disso, temos a relação da ex-mulher com ele, um relacionamento distante, Bauman (2004) fala como os relacionamentos são fracos, muitas vezes os casais estão juntos, mas não se conhecem. A falta de laços afetivos demonstram a vida fria que Totonhim levava, sobretudo em relação aos filhos: “Falavam pouco com o pai. E assim mesmo nas datas obrigatórias. Natal etc... Às vezes nem lembravam de telefonar no dia do seu aniversário. Só o procuravam quando estavam precisando de ajuda.” (TORRES, 2006, p. 196-197)

Depois de anos de dedicação no trabalho como bancário Totonhim se aposenta, numa ceneale fica olhando para o teto, imóvel na cama, retomando questões vividas no passado e pensando como será a sua vida daquele momento para frente. Em seus recalques de memória, ele reflete: “(...) era outra cidade, e outro país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios.” (TORRES, 2006, p. 7)

Totonhim estava perdido em meio aos seus pensamentos, sente-se um estrangeiro dentro do seu próprio mundo, não se reconhece e nem possui perspectivas futuras, sobretudo

quando se refere a não possuir sonhos próprios. Segundo Bauman (2004) a identidade não é pré-estabelecida, ela é construída ao longo da vida, Totonhim construiu algo que parece não ter mais sentido. A aposentadoria deixa-o sem horizontes com um acirrado sentimento de perda. “Agora se sentia como um marinheiro que perdera o barco do tempo – olha lá onde já vai.” (TORRES, 2006, p. 36)

Totonhim sente-se um estranho e excluído da sociedade, sobretudo no momento em que se despede do trabalho, o qual dedicou tantos anos de sua vida, e ninguém percebe sua ausência:

Sem flores, cintilações etílicas, beijos, abraços, apertos de mão, tapinha nas costas, promessas de encontros fortuitos ao cair da tarde, ou um almoço dia destes, uma noitada de arromba, um carteadado, nem mesmo um vago “a gente se vê por aí”, “manda um e-mail”, ou “telefona”, ou “vem jantar lá em casa”. Nada. (TORRES, 2006, p.19)

A descartabilidade do ser humano que logo se transforma em lixo, algo sem valor, foram estes os sentimentos de Totonhim, 30 anos depois ele vê homenageando quem chegou para assumir o seu lugar: “Todos os que antes lhe faziam festinhas, agora se aboletavam no auditório onde estava sendo realizada a cerimônia de posse do...*outro!*” (TORRES, 2006, p. 39) Ele era valorizado enquanto possuía um cargo, um *status*, depois que aposentou seu valor foi reduzido, sua presença era insignificante, tornou-se um estrangeiro, um estranho. Estas relações de interesse são típicas da modernidade, o que Hall (2001) denomina de sujeito descentralizado, situado à margem da sociedade, o qual convive com o outro, esta junto com ele, mas ao mesmo tempo se depara sozinho.

O sentimento de estar alheio ao grupo se evidencia na fala de Totonhim: “Dediquei toda a minha vida a esta empresa, e agora vão me despachar, como se eu não tivesse a menor importância para ela? Que coisa mais desumana! Quanta falta de consideração! Isto é cruel.” (TORRES, 2006, p. 41) O trabalho foi um importante elo de pertença, ele passa a ver alguns aspectos significativos que antes não tinham valor. A ausência proporciona ao personagem um sentimento de importância, de valoração daquilo que ele executava antes como uma obrigação, mesmo considerando a estranheidade da sociabilidade perdida.

3. O sentimento de pertencimento

Totonhim vai se restringindo, num sentimento máximo de não pertença, reconhecendo-se num exílio, onde os laços comunitários se acabaram completamente. Ao retomar o passado ele se torna exilado no tempo e espaço: “Pois agora sua vida seria só isso: memória. E exílio. Num apartamento. Num quarto, Na cama.” (TORRES, 2006, p. 47)

Para Bauman “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” As constantes mudanças nos defrontam com “identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (2004, p. 13) Bauman chama de “mal-estar”, este não se sentir a vontade, sentir-se desfocado, Totonhim viveu, trabalhou e percebeu que sua trajetória foi dada de maneira circular, sem sentido, numa perspectiva que se rompe. De acordo com Hall (2001) este sujeito problemático se defronta com o indefinido, percebendo que nada é fixo, e o exílio é a consequência desta expurgação de sentimentos identitários.

A aposentadoria deixou à mostra a precariedade de suas relações, fez Totonhim perceber como era sozinho, os elos identitários foram desfeitos e só restava a solidão. Seu amigo Bira foi assassinado, não restou nenhuma relação duradoura, sente o desejo de compartilhar suas experiências: “Ele apaga a luz. Esparrama-se na cama. Nenhum cheiro nem afago de mulher a consolá-lo. Seria o espaço desta cama a real dimensão do seu envelhecer?” (TORRES, 2006, p. 58)

Totonhim se depara com a solidão, aguçada no momento em que ele esta totalmente só no quarto e seu estranhamento perpetua pela tristeza de não ter ninguém para conversar. Num diálogo que ele fantasia com sua mãe, atesta a um suposto retorno à Junco: “Ela sabia perfeitamente que ele, o seu filho Totonhim, não estava voltando agora como um fracassado. Tinha uma boa aposentadoria. Mas, por haver se aposentado, achava que São Paulo não era mais o seu lugar. Sentia-se só”. (TORRES, 2006, p. 214) Em sua mente perpassa a questão do sair da sua terra, e voltar diferente, pois sente-se sem espaço em São Paulo, um ser estranho dentro de uma cidade povoada de pessoas que simplesmente ignoram a sua existência, então ele se volta para a possibilidade de encontrar um lugar em Junco.

Por isso decidira voltar ao ponto de partida. E se perguntava se devia ter saído dele. Agora, vivia na ilusão de que ali ainda encontraria pelas ruas, por serem poucas,

feições humanas reconhecíveis, pessoas com tempo para conversar, para lhe dar um bom-dia sem querer lhe vender nada. (TORRES, 2006, p. 214)

Ele pensa na possibilidade de voltar mas toma consciência que tudo aquilo era mera ilusão. “Logo se veria cercado de gente a lhe pedir para pagar uma cachaça e daí para mais. E refém das miudezas. Conversas de comadres, fuxicos nos portões, politicagens. Então ele veria o que era solidão”. (TORRES, 2006, p. 214) O estranhamento de Totonhim diante de sua realidade é evidente, ele demonstra estar perdido, sem destino, sem perspectiva de vida, sendo que qualquer possibilidade de mudança ou recomeço é também uma situação de estranheza e solidão.

Considerações finais

Totonhim é um personagem que se deparou com diversas situações ao longo da vida que levaram-no a um lugar solitário e inserto. O seu estranhamento com o mundo e com suas próprias atitudes são decorrentes em toda a narrativa, desde o momento em que ele sai de Junco em busca de novas perspectivas e se depara como um ser estranho na grande cidade de São Paulo, até o momento em que se aposenta e se vê sozinho e excluído de uma sociedade que antes o acolhera. A estranheidade em Totonhim é algo que o desola, torna um ser sem esperança, com um grande vazio em seu interior, neste pressuposto percebemos as várias identidades apropriadas pelo protagonista, as quais são transformadas ao longo de sua existência, pois compõe um sujeito pós-moderno que não possui uma identidade fixa.

Totonhim assume seu trabalho no Banco do Brasil, casa-se, constitui uma família, torna-se um homem responsável e comprometido com o trabalho, deixa a cidadezinha de Junco no esquecimento e visa somente sua nova realidade que consiste em viver na cidade grande e prosperar, algo que seu irmão Nero não conseguiu realizar. Mas após a morte de seu sogro vem a separação do casamento, a esposa salienta que ele havia mudado, e depois de alguns anos ao reencontrar a ex-mulher percebe que deixou seus filhos de lado, não sabia nada deles e nem ao menos eles se importavam com a existência do pai.

Com a aposentadoria vem a solidão e a falta de pertencimento em um mundo constituído de lembranças e desesperanças, ele fantasia uma visita a sua mãe, sonha com um retorno a Junco, mas ao mesmo tempo acha inútil voltar ao ponto de partida, pois não teria sentido recomeçar tudo de novo. Um sujeito estranho em meio a tantas realidades, a várias

buscas de identidades, demonstrando que não podemos fixar uma maneira de viver e existir. Totonhim é um exemplo do ser pós-moderno que visa uma identidade, uma busca constante pelo sentir-se parte de uma sociedade e de um grupo social, muitas vezes, mistificado pela contemporaneidade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: *Questões de Literatura e de Estética; a teoria do romance*. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. Trad. Dorothée de Bruchard, revisão técnica de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MOITA LOPES. *Identidades Fragmentadas– a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- NORTON, B. *Identity and language learning– gender, ethnicity and educational change*. Harlow: Pearson Education Limited, 2000.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- TORRES, Antônio. *Pelo Fundo da Agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.